

## Representações sobre a velhice na literatura infantil: uma abordagem discursiva

*Representations of old age in children's literature: a discursive approach*

*Representaciones de la vejez en la literatura infantil: un enfoque discursivo*

Luana de Gusmão Silveira<sup>1</sup>

 0000-0003-2160-5327

Lovani Volmer<sup>2</sup>

 0000-0002-3458-1005

Verônica Bohm<sup>3</sup>

 0000-0002-7073-6297

**RESUMO:** Este trabalho apresenta uma breve análise a respeito de representações sobre a velhice, tendo como aporte teórico a Análise do Discurso (AD) de linha francesa e pesquisas teóricas acerca da temática do envelhecimento humano. Procuramos investigar os efeitos de sentido em torno das concepções imaginárias sobre a velhice em obras literárias infantis, tendo como recorte duas narrativas: a primeira, publicada no século XX, de autoria do escritor Monteiro Lobato (2019b), mais especificamente, o conto “O pó de pirlimpimpim”, do livro *Reinações de Narizinho*; a segunda, uma obra contemporânea, intitulada *Casa das Estrelas: o universo pelo olhar das crianças*, de Javier Naranjo (2019). Como metodologia, adotamos a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como base recortes de sequências discursivas extraídas das obras em análise. As reflexões desenvolvidas com o presente estudo revelam que a literatura pode ser não só um mecanismo para manutenção de saberes já preestabelecidos como também colaborar para promover transformações em torno de sentidos cristalizados no âmbito da sociedade em relação ao ser velho.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura infantil; velhice; efeitos de sentidos; representações imaginárias.

**ABSTRACT:** This paper presents a brief analysis regarding representations of old age, drawing on French Discourse Analysis (DA) and theoretical research on the theme of human aging. We seek to investigate the attributed meanings surrounding imaginary conceptions of

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do Instituto Federal de Santa Catarina. E-mail: luana.gusmao@ifsc.edu.br.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Docente da Universidade Feevale. E-mail: lovaniv@feevale.br .

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: vbohm@ucs.br

old age in children's literary works, focusing on two narratives: the first, published in the 20th century, by author Monteiro Lobato (2019b), specifically the tale "O pó de pirlimpimpim" from the book *Reinações de Narizinho*; the second, a contemporary work titled *Casa das Estrelas: o universo pelo olhar das crianças*, by Javier Naranjo (2019). For the methodology, we conducted a qualitative bibliographic research, based on excerpts of discursive sequences extracted from the analyzed works. The reflections developed in this study reveal that literature may not only serve as a mechanism for maintaining pre-established knowledge but also contribute to promoting transformations around crystallized meanings within society regarding old age.

**KEYWORDS:** children's literature; old age; attributed meanings; imaginary representations.

**RESUMEN:** Este trabajo presenta un breve análisis sobre las representaciones de la vejez, utilizando como marco teórico el Análisis del Discurso (AD) de línea francesa y estudios teóricos sobre el envejecimiento humano. Investigamos los efectos de sentido en torno a las concepciones imaginarias sobre la vejez en obras literarias infantiles, centrándonos en dos narrativas: la primera, publicada en el siglo XX, escrita por Monteiro Lobato (2019b), específicamente el cuento *O pó de pirlimpimpim*, del libro *Reinações de Narizinho*; la segunda, una obra contemporánea titulada *Casa das Estrelas: o universo pelo olhar das crianças*, de Javier Naranjo (2019). Como metodología, adoptamos la investigación bibliográfica cualitativa, utilizando como base recortes de secuencias discursivas extraídas de las obras analizadas. Las reflexiones desarrolladas en este estudio muestran que la literatura puede ser no solo un mecanismo para mantener conocimientos ya establecidos, sino también para promover transformaciones en torno a los sentidos cristalizados en la sociedad con respecto a la vejez.

**PALABRAS CLAVE:** literatura infantil; vejez; efectos de sentido; representaciones imaginarias.

## Introdução

Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: finis. Mas começar é terrível (Lobato, 2019a, p.12).

O início de uma escrita, como nos aponta a personagem Emília na epígrafe deste texto, é sempre um processo difícil. Isso se dá em razão das inúmeras possibilidades e recortes temáticos possíveis de se percorrer em uma reflexão teórico-analítica. Para todo e qualquer começo, faz-se necessária uma questão geradora e essa logo se impôs a partir do momento em que lemos e refletimos a respeito da contextualização do envelhecimento humano, da compreensão dos conceitos de processo de subjetivação e representações sociais; analisando como os idosos têm sido representados em obras de literatura infantil e juvenil; e, pesquisando, ainda, como a temática do envelhecimento humano pode ser

abordada nos espaços de educação à luz da Política do Envelhecimento Ativo<sup>4</sup> (WHO, 2005). Feito esse percurso reflexivo e com o objetivo de tecer algumas articulações de análise, estabelecemos a escolha de duas obras que abordassem representações narrativas relacionadas ao processo de envelhecimento humano, sendo uma clássica, outra contemporânea. Feita a escolha e tendo algumas indagações, demos início à escrita de um texto teórico-crítico, dentro da perspectiva da Análise do Discurso pecheutiana, discutindo possíveis mudanças discursivas na maneira de abordar o envelhecimento em obras da literatura infantil: a primeira, publicada no século XX, de autoria do escritor Monteiro Lobato (2019b), mais especificamente, o conto “O pó de pirlimpimpim”, do livro *Reinações de Narizinho*; a segunda, uma obra contemporânea, intitulada *Casa das Estrelas: o universo pelo olhar das crianças*, de Javier Naranjo (2019).

## **Sobre linguagem e seus efeitos de sentidos**

A língua, sabemos, serve, ao mesmo tempo, para comunicar e não comunicar. Isso ocorre pelo fato de considerar a história inscrita na materialidade linguística, acarretando, assim, um caráter relativamente autônomo à língua. É, portanto, nessa via teórica que se enquadra a presente reflexão, ou seja, no âmbito dos estudos teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, com o propósito de observar como se dá o funcionamento discursivo em torno da temática do envelhecimento.

Segundo a concepção de língua do analista de discurso, a materialidade linguística não pode se dar senão pela relação com o social, com o histórico e com o ideológico, pois compreende que o estabilizado comporta em si o desestabilizado,

---

<sup>4</sup> “A abordagem do envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. Assim, o planejamento estratégico deixa de ter um enfoque baseado nas necessidades (que considera as pessoas mais velhas como alvos passivos) e passa a ter uma abordagem baseada em direitos, o que permite o reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida à medida que envelhecem” (WHO, 2005, p. 15).

ou seja, a estrutura está sujeita à falha, ao equívoco, ao lapso, o que acaba por proporcionar um caráter heterogêneo à estrutura. Isso nos autoriza a afirmar que é nesse espaço de conflitos entre o possível/impossível na/da língua, nesse espaço de luta e de uma ininterrupta movência de sentidos que trabalha a AD. A esse respeito, concordamos com Ferreira (2000, p. 28), quando afirma que na teoria da AD “[...] a concepção de língua trabalhada aceita transgressões, é capaz de contradições, de deslocamentos, escapa a uma estrutura lógico-matemática categórica”. Esses “escapes” e essas “fugas” não são vistos como defeitos a serem corrigidos, mas como um modo constitutivo do funcionamento tanto do sujeito quanto dos sentidos.

Assim, podemos entender o discurso como sendo constituído pela base linguística, mas também pela exterioridade e, desse modo, torna-se impossível, na perspectiva da AD, a dicotomia língua/discurso. A língua, assim, na perspectiva da AD, aparece como condição de possibilidade do discurso. Nesse ponto, retomamos Orlandi (1983, p. 106), quando afirma que “A análise do discurso não é um nível diferente de análise. É, antes, um ponto de vista diferente”. Acrescentamos que se trata de uma teoria diferente em sua maneira de abordar a materialidade linguística, uma vez que, para a AD, não há como extrair o sentido somente da estrutura da língua. É preciso perceber os efeitos de sentido produzidos em um determinado discurso e em certas condições de produção. Isso se deve ao fato de todo e qualquer discurso estar diretamente relacionado à história e à ideologia, as quais o constituem, ou seja, são elementos que não podem ser pensados como algo separado, mas como elementos intrincados, entrelaçados à materialidade discursiva.

Com isso, queremos dizer que a materialidade do sentido deve ser concebida em uma relação de “entremeio” entre a materialidade linguística e a histórica. Por isso, na concepção discursiva, não há relação simétrica entre a forma estrutural e a forma histórica, o que temos é uma relação de “entremeio”, dissimétrica que, por sua vez, proporciona múltiplos sentidos. É, portanto, esse processo de “entremeio” que nos interessa observar, refletindo como o contexto histórico, político, social e ideológico se materializa na estrutura linguística, promovendo múltiplos efeitos de sentido. Para isso, tomamos como ponto de partida os processos de significação em torno das expressões velho, velhice e envelhecimento.

Buscando situar esses conceitos, vale recorrer, como ponto de partida, ao dicionário da língua portuguesa, lugar em que os sentidos apresentam uma certa regularidade, por estarem atrelados somente à estrutura da língua. No dicionário Aurélio Buarque de Holanda, encontraremos definições como: “Velho: Que tem idade avançada; Idoso: homem velho; Homem idoso, com uma idade avançada”; “Velhice: Estado ou condição de velho; o último quartel da vida”; Envelhecimento: Ato ou efeito de envelhecer; tornar-se velho”.

Tomando as descrições apresentadas, podemos sintetizar que o termo “velho” se associa ao sujeito/indivíduo; a palavra “velhice” se refere à fase da vida e, por último, o “envelhecimento” é entendido como um processo. No que concerne ao envelhecimento, destaca-se que é um dos maiores triunfos da humanidade e também um dos nossos grandes desafios. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde, ao entrarmos no século XXI,

[...] o envelhecimento global causará um aumento das demandas sociais e econômicas em todo o mundo. No entanto, as pessoas da 3ª idade são, geralmente, ignoradas como recurso quando, na verdade, constituem recurso importante para a estrutura das nossas sociedades (WHO, 2015, p. 9).

Isso nos permite reforçar a compreensão de que a promoção de consciência não se dá fora de processos educacionais. Nessa perspectiva, entendemos a literatura como um dos mecanismos capazes de nos humanizar, de colaborar para a valorização dos mais velhos no âmbito de nossa sociedade, por parte das gerações mais jovens, promovendo a desmistificação de estereótipos cristalizados em torno do ser velho e da velhice. Assim sendo, na seção que segue tecemos alguns apontamentos a partir do recorte de sequências discursivas extraídas de duas obras literárias infantis, buscando investigar os efeitos de sentido em torno das concepções imaginárias sobre a velhice.

## A concepção de velhice no conto “O pó de pirlimpimpim”, de Monteiro Lobato

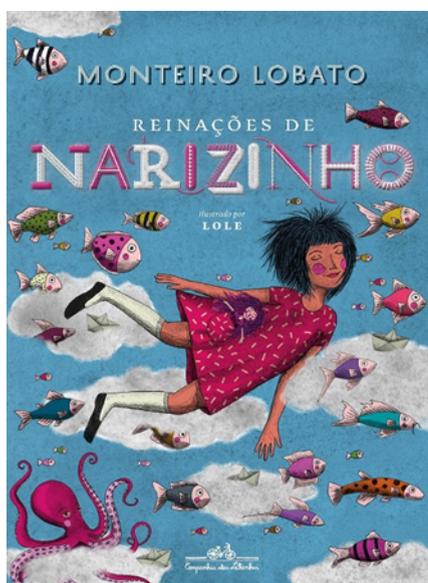
A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem para de piscar, chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos, viver é isso. É um dorme e acorda, dorme e acorda, até que dorme e não acorda mais. É, portanto, um pisca-pisca. [...] A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada piscar é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre (Lobato, 2019a, p.16-17).

Por meio da metáfora do pisca-pisca, a personagem Emília sintetiza para o leitor, de uma maneira muito singela, as fases que contemplam o viver, desde o nascimento do ser humano até sua morte. No que concerne à velhice, vale destacar que o corpo, obviamente, carregará marcas do tempo vivido, são tonalidades, formas e texturas que se moldam e modificam ao longo de nossas trajetórias. É porque crescemos e envelhecemos, porque nos metamorfoseamos (Beauvoir, 1990), que somos seccionados em fases etárias previamente estabelecidas: infância, juventude, idade adulta e velhice.

Aqui, interessa-nos, analisar como se dão as formações imaginárias sobre a velhice no âmbito da obra de Monteiro Lobato. Sabemos das transformações promovidas no âmbito da literatura infantil pela atuação de Monteiro Lobato, que buscou implementar um novo olhar para a produção literária direcionada às crianças e aos jovens, consagrando personagens como Emília, Narizinho, Tia Nastácia, Dona Benta, entre tantos outros. Para este trabalho e com o propósito de compreender como se dá a concepção de velhice, selecionamos algumas sequências discursivas presentes na obra *Reinações de Narizinho*, publicada pela editora Companhia das Letrinhas, em 2019, com a organização de Marisa Lajolo e ilustrações de Lole. A publicação foi baseada na primeira edição de *Reinações de Narizinho*, publicada na 2ª série da Coleção Obras Completas de Monteiro Lobato, pela Editora Brasiliense, em 1947. “O pó de Pirlimpimpim”, a ser analisado neste trabalho, é um dos contos que compõem a obra, no qual direcionamos nosso olhar para o processo de representação discursiva da personagem Dona Benta.

Salientamos, no que concerne ao contexto de produção da obra, que a edição em análise já situa o leitor logo na abertura do texto de apresentação, quando declara que “[...] ler Monteiro Lobato é um desafio e uma aventura: você vai se deparar o tempo todo com contradições. Mas não é bacana poder olhar para isso de uma maneira crítica?” (Lobato, 2019b, p. 7). Além dos apontamentos trazidos no texto de apresentação do livro, notas de rodapé, em formato de diálogo entre as personagens, também compõem a obra, e explicam o vocabulário e os costumes do Brasil da década de 1920, além de ilustrações que reinterpretem a turma do Sítio.

**Figura 1** – Capa do livro *Reinações de Narizinho*



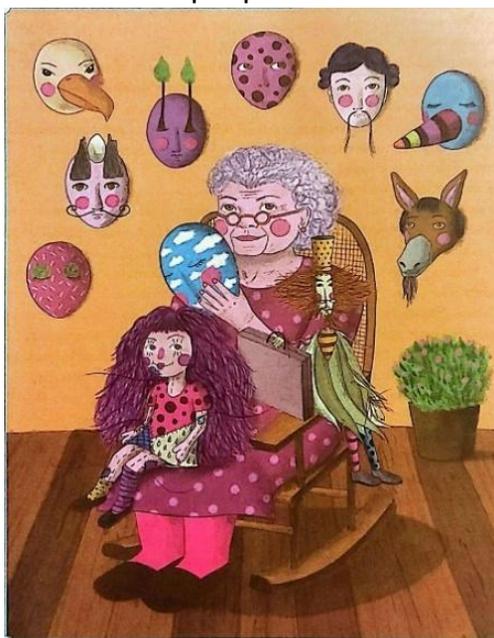
**Fonte:** Lobato (2019b) Ilustração de Lole.

Tomamos, inicialmente, para análise, uma sequência discursiva que aparece já na abertura da narrativa, em que vamos encontrar a descrição da protagonista. Vejamos:

SD1: Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: ‘Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...’. Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a mesma do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem (Lobato, 2019b, p. 9).

A partir dessa descrição já é possível observarmos algumas das características atreladas à protagonista, alinhadas com uma imagem pré-concebida do que significa ser velho e da própria velhice, ou seja, “uma velha de mais de sessenta anos” sentada em sua varanda, dedicada a afazeres domésticos (cestinha de costura ao colo), com baixa visão (óculos na ponta do nariz) e salva da tristeza, da solidão, somente pelo fato de ter a companhia de sua neta. Direcionando-se para o conto que recortamos para o desenvolvimento da presente investigação é possível perceber que esses sentidos também são reforçados pelas ilustrações que acompanham a narrativa, conforme exemplos a seguir:

**Figura 2** – Apresentação de D. Benta na abertura do conto “O pó de Pirlimpimpim”



Fonte: Lobato (2019b, p. 226) Ilustração de Lole.

**Figura 3** – D. Benta e os demais personagens do conto “O pó de Pirlimpimpim”



**Fonte:** Lobato (2019b, p. 239) Ilustração de Lole.

Notamos que, em ambas as ilustrações, temos a presença de Dona Benta que, na primeira, está sentada em sua cadeira de balanço, com a boneca Emília ao colo e segurando em uma de suas mãos uma máscara. Ao fundo, há inúmeras outras máscaras, que revelam as histórias e diversas situações fantásticas em que a protagonista irá penetrar. Já na segunda ilustração, é possível verificar Dona Benta se apoiando em uma bengala, sem esquecer, é claro, seus cabelos brancos, os óculos na ponta do nariz, as bochechas rosadas, o vestido de bolinhas, suas meias e pantufas, características que dialogam com a apresentação feita já no início do livro.

Embora assumam a postura, digamos, pedagógica, pois Dona Benta se destaca por promover aprendizados, em razão de sua vasta sabedoria, sendo uma excelente contadora de histórias e também conhecedora de diferentes idiomas, como fica evidenciado no trecho do conto aqui escolhido para análise, em que a personagem decide viajar ao País das Fábulas, as designações em relação à Dona Benta reforçam saberes cristalizados em torno da velhice:

SD2: Dona Benta ouviu a história do País das Fábulas com especial interesse para tudo quanto se referia ao senhor de La Fontaine, cujas obras havia lido em francês. [...]

- Estou lamentando não ter ido com vocês – disse ela. – Uma prosinha com o senhor La Fontaine seria de um grande encanto para a minha velhice...

Tais palavras fizeram Pedrinho bater na testa...

- Tive uma grande ideia, vovó! – berrou ele. – Levar a senhora lá! [...]

- Que despropósito, Pedrinho! Não sabe que sou uma velha de mais de sessenta anos? Que não diria o mundo quando soubesse dessa extravagância? (Lobato, 2019b, p. 229).

Com base nessa sequência discursiva (SD2), retomamos, aqui, o conceito de formação imaginária. A partir do momento em que concebemos o discurso como sendo efeito de sentido entre interlocutores, vale evidenciar que os “interlocutores” não estão sendo entendidos no sentido empírico, como, por exemplo, no par Eu-Tu das teorias enunciativas. Ao contrário, para Pêcheux (1993, p. 82) os interlocutores “designam lugares determinados na estrutura de uma formação social”, sendo que tais lugares são marcados por formações imaginárias as quais designam o lugar atribuído pelos sujeitos sobre si e sobre o outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

Dessa forma, podemos afirmar que todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias que designam o lugar atribuído por destinador e destinatário sobre si e sobre o outro. Assim, podemos perceber que o sujeito da AD não é entendido como indivíduo simplesmente, mas sim um sujeito historicamente determinado, ou seja, representa lugares sociais na estrutura de uma formação social.

Na sequência aqui analisada, é possível afirmar que a Dona Benta representa um lugar social na estrutura de uma formação social, neste caso, aquele destinado à velhice. O que diria o mundo, ou melhor, a sociedade a respeito de uma boa senhora que decide abandonar seu cestinho de costura, sua cadeira de balanço, para se aventurar no País das Fábulas? É possível notarmos que o questionamento feito pela protagonista “Que despropósito, Pedrinho! Não sabe que sou uma velha de mais de sessenta anos? Que não diria o mundo quando soubesse dessa extravagância?” coloca em discussão o próprio imaginário cristalizado no âmbito da sociedade sobre o que é ser velho e o próprio lugar da velhice, pois “Ser velho

significa pertencer a um mundo socialmente construído, arbitrário, no qual existe uma vasta gama de acordos e regras que interpelam os sujeitos a ocuparem determinadas posições dentro dos espaços sociais” (Ramos, 2015, p. 14).

Frisamos, ainda, que os recortes aqui evidenciados têm como foco analisar as concepções acerca da velhice, considerando, obviamente, o contexto de produção em que a narrativa está inserida, lembrando que estamos diante de uma narrativa produzida no ano de 1947. Vamos, portanto, a outras sequências extraídas da obra de Monteiro Lobato:

SD3: Veio o burro e Dona Benta tentou montar. Quem disse! Não houve meio. Sem uma cadeira não ia.  
- Já não tenho a agilidade dos bons tempos – suspirou ela. [...]  
- Nesse caso, cheire isto, vovó! – disse Pedrinho, tirando dum canudo uma pitada do pó mágico e chegando-a ao nariz da velha.  
- Oh, Pedrinho! – exclamou Dona Benta escandalizada. – Bem sabe que não tomo rapé<sup>5</sup>.  
- Não é rapé, vovó! É muito bom pó de pirlimpimpim, que Peninha me deu. Sem cheirar este pó nunca chegaremos ao País das Fábulas. [...]  
Todos cheiraram o pó de pirlimpimpim, e imediatamente começaram a sentir a vista turva, a cabeça tonta, com uma zoadada de pião nos ouvidos (Lobato, 2019b, p. 230-231).

Nessa sequência discursiva (SD3), além do destaque dado para os aspectos da limitação física de Dona Benta, é nos apresentada uma ação que, nos dias atuais, esbarraria no “politicamente correto”, no que se refere à menção ao “rapé” e ao “cheirar um pó” para, então, entrar em outro universo, no caso, no País das Fábulas. É em torno da ideia de funcionamento, por oposição à concepção de “função” que é própria de uma linguística formalista, que, no âmbito da Análise do Discurso, a noção de texto (uma das formas da materialidade significante) ganha um deslocamento nos estudos linguísticos (Silveira, 2011). O texto, nesse caso, deixa de ser concebido como algo homogêneo, pleno, fechado e passa a ser entendido como um “[...] objeto linguístico-histórico” (Orlandi, 2006, p. 22). Dito de outra forma, o texto é visto na perspectiva discursiva como um “veículo” que nos conduz ao nosso

---

<sup>5</sup> O que é o rapé? Trata-se de uma medicina sagrada que basicamente é composta de um pó de tabaco moído misturado com outras ervas e pedaços de árvores. É feito para ser inalado, a fim de causar uma sensação de bem-estar na pessoa que usa. Está associado ao uso histórico, por parte de tribos indígenas especialmente. Nesse caso, é usado de forma ritualística e espiritual, como uma forma de conexão com a ancestralidade (O Que [...], [2024]).

objeto teórico, neste caso, o discurso a partir de suas condições de produção. E é, portanto, o conceito de condições de produção que deve ser considerado na análise de Monteiro Lobato, pois estamos nos reportando a sentidos veiculados e aceitos em um determinado contexto histórico, político e ideológico.

Nessa perspectiva, a narrativa aqui em análise não deve ser pensada fora de suas condições de produção, visto que as desconsiderar é trabalhar com uma concepção de língua homogênea, estável, ou seja, em que não há espaço para as ambiguidades, implícitos, lapsos, indeterminações e, sobretudo, para as relações entre língua e história. Dessa maneira, ao considerarmos as condições de produção como sendo constitutivas do funcionamento linguístico, estamos trabalhando em um espaço heterogêneo e fragmentado.

Com base nesses princípios, entendemos que a materialidade textual recebe um deslocamento quando passa a ser analisada em sua incompletude, como sendo um espaço heterogêneo, aberto, disperso. Isso acontece porque mantém relação com a exterioridade que não lhe é acessória, mas sim constitutiva. O sentido estereotipado em relação à velhice fica em evidência no excerto a seguir:

SD4: 'Parece sonho', pensava consigo Dona Benta ao ver aquilo. 'Quando me lembro que eu, a pobre Benta Encerrabodes de Oliveira, uma coitada que nunca saiu de sua toca, está aqui, neste deserto misterioso, com o Pássaro Roca a lhe voar em cima da cabeça e o mais famoso barão do mundo a comer com tanto gosto o mexido de galinha que ela mesma fez, até fico boba'. Nisto o Pássaro Roca principiou a descer, sempre descrevendo círculos em espiral. O burro ia se tornando cada vez mais visível e a pontada no coração de Dona Benta cada vez mais forte. [...] - Fugamos! – gritou o Senhor de Munchausen ao avistá-lo, e botou-se... Foi uma debandada geral. Voaram todos atrás do Barão, como veados. Até a pobre Dona Benta teve de esquecer os sessenta anos, o reumatismo e a pontada, para só pensar na fuga. Arregaçou a saia, botou a dentadura no bolso e virou veado também. Chegou ao castelo mais morta que viva, pondo a alma pela boca [...] (Lobato, 2019b, p. 241).

Na sequência supracitada, notamos um discurso corriqueiro na história como um todo, que é a associação da velhice a limitações físicas, com a idade de 60 anos os aspectos enfatizados na personagem Dona Benta são: reumatismo, pontada, uso de dentadura, traços que reforçam o imaginário social materializado no discurso literário. Por último, gostaríamos de acrescentar outra sequência discursiva, em que

há o enunciado do neto Pedrinho em relação à Dona Benta:

SD5: [...] naquele andar Dona Benta acabaria doida. Era melhor levarem-na imediatamente para casa, apesar de tanta coisa que poderiam fazer naquele maravilhoso castelo do Barão.

- Maçada! – exclamou Pedrinho aborrecido. – **Andar com velha é isto**. Nunca mais me meto em outra (Lobato, 2019b, p. 242, grifo nosso).

É possível notarmos aqui o imaginário familiar, no caso, materializado no enunciado do personagem Pedrinho sobre os valores atribuídos, enquanto sociedade, aos mais velhos, ou seja, ao deslocar o papel sedentário de Dona Benta para um contexto de aventuras, tem-se como resultado frustrações e aborrecimentos, como fica evidente no fragmento “andar com velha é isto”. Percebemos, pelas análises tecidas até aqui, que há uma certa predominância de sentidos em relação ao dizível, inserindo a velhice em um campo semântico já instituído tradicionalmente. No entanto, sabemos, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso, do caráter heterogêneo da língua, estabelecido a partir da relação da materialidade linguística com a materialidade histórica e que é, portanto, passível de deslocamentos, de rupturas, de sentidos sempre terem a possibilidade de virem a serem outros, é um pouco desse funcionamento que procuramos mostrar na seção a seguir.

## **A velhice no discurso das crianças: algumas reflexões**

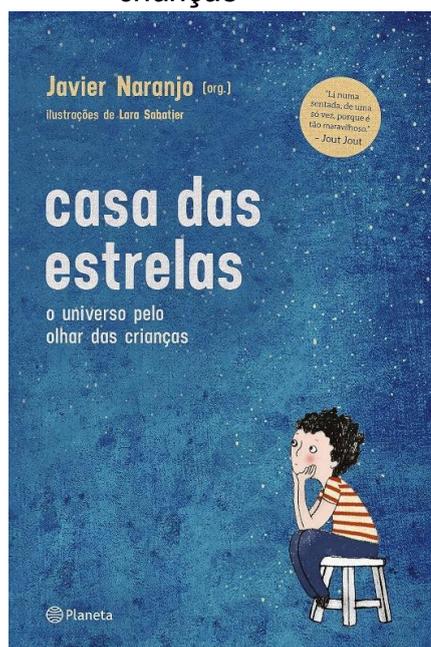
No livro *Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças*<sup>6</sup>, de Javier Naranjo, publicado pela editora Planeta, no ano de 2019, vamos encontrar um lugar de fala destinado às crianças. Isso porque Naranjo, professor e poeta colombiano, teve a sensibilidade de valorizar o discurso de seus alunos e, ao longo de mais de 10 anos, coletou definições que eles davam a palavras, objetos, ideias, pessoas,

---

<sup>6</sup> Este livro serviu como mote para os encontros de formação continuada para professores no âmbito do projeto *Ciclo de Oficinas Literárias: transvendo as escolas* (<https://www.seleifsc.com.br/outros-projetos>), executado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Garopaba. O projeto contou com apoio do edital Elisabete Anderle, edição 2022, do Estado de Santa Catarina.

lugares e sentimentos. Os pequenos verbetes presentes na obra se entrelaçam ora ao campo poético, ora ao lúdico, ao melancólico e também à denúncia. Verbetes que vão de A a Z revelam camadas de sentidos em torno de palavras, como: amor, ancião, chuva, coração, mãe, medo, mundo, dentre outras tantas, todas repletas de significações.

**Figura 4** – Capa do livro *Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças*



**Fonte:** Naranjo (2019) ilustrações de Lara Sabatier.

O autor, Javier Naranjo, explica na abertura da obra, o que serviu de ponto de partida para a materialização do livro *Casa das estrelas*. No ano de 1988, em uma escola de Antioquia, na Colômbia, durante uma aula de Literatura, o professor Javier teve a ideia de pedir aos seus alunos para que definissem “o que é ser criança”. Um de seus alunos, de apenas 7 anos, explicou da seguinte forma: “uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, joga bola, pode brincar e ir ao circo”. Outra criança de 8 anos de idade disse: “Para mim, a criança é algo que não é cachorro. É um humano que todos temos que apreciar”. Daí surge a ideia dessa obra, que traz sínteses reveladas no discurso de crianças e carregadas de sentidos que transitam entre o poético e a denúncia.

Tendo como centro de interesse analisar as representações imaginárias em torno da velhice, para este trabalho, optamos por recortar como sequência discursiva (SD) as definições apresentadas pelas crianças em relação ao termo “ancião”, presentes no livro de Naranjo, com o propósito de estabelecer um paralelo com as sequências analisadas na obra de Monteiro Lobato. Buscamos analisar aproximações e distanciamentos em relação aos efeitos de sentido sobre o velho, a velhice e o envelhecimento, lembrando que entre as obras em análise temos um distanciamento temporal de mais de 70 anos. Vamos às sequências, que, na obra, se apresentam em formato de glossário, sem o acompanhamento de ilustrações:

SD6 - “É um homem que fica sentado o dia todo”. (Mary Luz Arbeláez, 9 anos)

SD7 - “Homem que morre muito rápido”. (Gladys Emilse Vallejo, 9 anos)

SD8 - “Quando os anos de alguém vão embora”. (Sandra Liliana Villa, 8 anos).

SD9 - “Pessoa antiga”. (Juan Felipe Gómez, 7 anos).

SD10 - “É que alguém está pobre”. (Juan Felipe Arias, 7 anos).

SD11 - “É uma coisa muito boa, porque aparecem rugas na pessoa” (Juliana María Gómez, 10 anos).

Evidenciamos que, das seis definições apresentadas, apenas uma, a SD11, produz o efeito de deslocamento de sentidos em relação à velhice, ao apontar que “é uma coisa muito boa, porque aparecem rugas na pessoa”. Trata-se de uma significação que se distancia dos valores impostos por nossa sociedade atual, em que prevalece o culto à beleza e a busca incessante por procedimentos cirúrgicos a fim de evitar as marcas do tempo.

No entanto, nas demais definições apresentadas pelas crianças, é possível observar que os sentidos cristalizados socialmente, atrelados a estereótipos, ressoam nos discursos das crianças, com destaque para aspectos voltados ao sedentarismo - “é um homem que fica sentado o dia todo”, em SD6 -, à morte, em SD7 - “homem que morre muito rápido” - ou, ainda, com significações atreladas à falta, como na SD10: “é que alguém está pobre”. Esses sentidos estabelecem uma

relação de proximidade com as formações imaginárias acerca da velhice presentes na obra de Monteiro Lobato.

Se pensarmos, por exemplo, no funcionamento discursivo presente nas sequências discursivas analisadas, vamos perceber que há todo um jogo imaginário tanto no campo literário (obra de Monteiro Lobato) quanto no discurso das crianças (*Casa das estrelas*), já que o que se diz e como diz mantêm relação com a imagem do lugar ocupado em nossa sociedade pelos idosos e os efeitos de sentido em torno do que é ser velho, da velhice e do próprio envelhecimento. Nessa direção, destacamos Orlandi (1994, p. 56), ao enfatizar que “As formações imaginárias se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso”.

Constatamos também que somente a SD11, ao trazer o discurso de que ser velho “é uma coisa muito boa porque aparecem rugas na pessoa”, promove um deslocamento na rede de enunciados logicamente estabilizados em relação à velhice, desconstruindo sentidos atrelados não somente à velhice, como também aos padrões de beleza impostos em nossa sociedade. Ao afirmar que as rugas são marcas positivas da velhice, a SD11 evidencia a opacidade que caracteriza a linguagem e que possibilita, pelo atravessamento do social, do político e do ideológico na materialidade linguística, em uma tensão com o já-dito, o surgimento de outros sentidos.

Ferreira *et al.* (2015, p. 6) ao mencionar as pesquisas desenvolvidas em torno das representações sociais sobre a velhice, destaca que:

Santos, Tura e Arruda (2011), ao realizarem um estudo sobre **as representações sociais da pessoa velha construídas por adolescentes**, revelam que os elementos de descrição física mais comentados são: cabelo branco, rugas e a aparência de “acabado”. Fernandes e Garcia (2010) analisaram **o sentido da velhice para homens e mulheres**, verificando a existência de mitos em que o homem sempre associava a velhice à ameaça de autonomia e independência, enquanto para as mulheres a visão era negativa em alguns casos e em outros, positiva – como uma possibilidade de desfrutar os anos de vida. Lopes e Park (2007) e Mazutti e Scortegagna (2006) investigaram **a representação social de um grupo de crianças acerca do velho, velhice e do envelhecimento**, e ambos os estudos demonstraram que esta percepção é associada a limitações, doença, fraqueza, fragilidade e morte. Mancia, Portela e Viecili (2008) e Santos e Meneghin (2006) realizaram estudos parecidos sobre **a concepção que acadêmicos de um curso de saúde tinham sobre o envelhecimento**, e

os resultados revelam que os estudantes fazem associação da velhice a doenças crônicas degenerativas, além de citar questões de limitações físicas (Ferreira *et al.*, 2015, p. 6, grifos nossos).

Acrescentam-se a esse percurso investigativo, mesmo que de forma muito singela, as reflexões tecidas nesta análise, enfatizando que precisamos, como sociedade, ainda avançar muito na quebra de valores e sentidos que estão sedimentados em torno do que é ser velho, da própria velhice e do envelhecimento humano, inclusive, nas narrativas literárias, como apontado neste percurso, produzidas em contextos diversos de temporalidade.

## Considerações finais

O percurso a que nos propomos neste estudo foi o de analisar as concepções imaginárias em torno da velhice em diferentes discursos, um no âmbito da obra *Reinações de Narizinho* (conto “O Pó de pirlimpimpim”), de Monteiro Lobato; e outro com foco no discurso de crianças, em *Casa das estrelas*, de Javier Naranjo. Embora tenham sido escritas em contextos históricos muito diferentes, com um espaço temporal de mais de 70 anos [1947-2019], ambas se aproximam em termos de formações imaginárias em torno da velhice.

Nesse viés, analisando o funcionamento desse espaço discursivo e entendendo que a língua, ao ser atravessada pelo histórico, está sempre em constante tensão entre o já-dito e os processos de deslocamentos de sentidos, visto que a materialidade linguística não é fechada em si, ao estabelecer relações com o ideológico, o social e o político, revela seu caráter contraditório, contemplando deslocamentos, descontinuidades de significações. Pelas relações de sentidos tecidas sobre o que é ser velho, sobre velhice e do próprio processo de envelhecimento nas sequências analisadas neste trabalho e extraídas de distintas narrativas literárias, observamos os efeitos de um imaginário cristalizado em uma memória hegemônica, sustentada na ideologia de valores pré-concebidos em torno da velhice, como sendo uma fase negativa do percurso humano.

Contudo, sabemos que os sentidos não são evidentes e podem sempre ser outros de acordo com seus processos históricos e condições de produção em que

são produzidos, e aí entra a função da literatura e do papel de obras potentes que possam vir a romper com a estagnação e homogeneização de sentidos, promovendo transformações e derivas, quiçá de valorização e empoderamento dos sentidos atrelados ao ser velho em uma sociedade como a nossa.

## Referências

BEAUVOIR, S. *A velhice*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FERREIRA, C. P. S. *et al.* A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada por livros infanto-juvenis. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 24, n.3, p.1061-1075, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015133362>

FERREIRA, L. C. M. *Da ambiguidade ao equívoco*: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

LOBATO, M. *Memórias da Emília*. Porto Alegre: L&PM, 2019a.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019b.

NARANJO, J. *Casa das estrelas*: o universo pelo olhar das crianças. São Paulo: Planeta, 2019.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. [Entrevista cedida a] *Teias*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13/14, jan./dez. 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24623>. Acesso em: 10 set. 2023.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em aberto*, Brasília, DF, ano 14, n. 61, p. 53-59, jan./mar. 1994. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.14i61.%25p>.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

O QUE é o rapé? *Natureza Divina*, São Paulo, [2024]. Disponível em: <https://www.naturezadivina.com.br/blog/rape-o-que-e.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

RAMOS, A. C. Os avós na literatura infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623645343>.



SILVEIRA, G. L. *O funcionamento do discurso político diante de processos eleitorais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/39429>. Acesso em: 19 fev. 2024.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf). Acesso em: 10 set. 2023.

*Recebido em: 24 abr. 2024.*

*Aprovado em: 02 jul. 2024.*

*Revisora de língua portuguesa: Denise Sousa dos Santos*  
*Revisor de língua inglesa: Pedro Americo Rodrigues Santana*  
*Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho*

